

O discurso sobre a crise econômica em face das mulheres negras

The discourse about the economic crisis in the face of black women

Cibely Eugênia da Silva¹
Helson Flávio da Silva Sobrinho²
Juliana Tereza de S. L. Araújo³

Resumo

Este artigo, filiado à perspectiva da Análise do Discurso (AD) de Michel Pêcheux, com fundamentos no materialismo histórico e dialético, apresenta uma reflexão sobre os efeitos da crise econômica sobre o trabalho exercido por mulheres negras. Nessa perspectiva, analisamos matérias da imprensa que, ao tratar da crise econômica na pandemia de covid-19, colocam em pauta a questão do trabalho doméstico, reprodutivo e/ou de cuidado como o locus mais frágil dos postos de trabalho. Em nosso estudo, compreendemos que, nas materialidades discursivas, ao abordar a crise econômica e o trabalho doméstico, a imprensa apresenta o perfil dessa trabalhadora que, em sua maioria, é mulher e negra, mas silencia sobre as raízes históricas dessas condições de trabalho. Quando o perfil é referido nas matérias, a memória e a atualidade da formação social capitalista não são colocadas em causa, sendo apresentadas como “informações” que se acrescentam ao texto jornalístico, o que não produz ressonâncias que visem a transformações substantivas.

Palavras-chave: Discurso. Crise econômica. Pandemia. Mulher Negra

Abstract

This article, affiliated with the perspective of Discourse Analysis (DA) by Michel Pêcheux, based on historical and dialectical materialism, presents a reflection on the effects of the economic crisis on the work performed by black women. In this perspective, we analyzed press articles that, when talking about the economic crisis in the covid-19 pandemic, raises the issue of domestic, reproductive, and/or care work as the most fragile locus of work. In our study, we understand that, in the discursive materialities, when talking about the economic crisis and domestic work, the press presents the profile of this worker who, for the most part, is a woman and black, but silences the historical roots of these working conditions. When the profile is referred to in the articles, the memory and the actuality of capitalist social formation are not called into question. It is presented as “information” added to the journalistic text that does not produce resonances that aim at substantive transformations.

Keywords: Discourse. Economic crisis. Pandemic. Black Woman

Recebido em: 29/04/2021.

Accito em: 31/05/2021.

¹ Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas. Bolsista CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6391-385X>.

² Docente na Universidade Federal de Alagoas. Pesquisador do CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8959-3134>.

³ Docente na Escola SESI Cambona (AL) e no Núcleo Estratégico de Inovação e Tecnologia na Educação (NEITE) da Secretaria de Estado da Educação de Alagoas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7769-570X>.

Introdução

O estudo que desenvolvemos neste artigo trata dos efeitos da “crise econômica”⁴ e seus desdobramentos sobre determinados trabalhos exercidos por mulheres negras. Nossa filiação teórica é a Análise do Discurso (AD) de caráter materialista, de Michel Pêcheux, justamente para buscar refletir sobre as contradições constitutivas no discurso da “crise econômica”, em face do trabalho realizado por grande parte das mulheres negras no Brasil. Nosso olhar foca o discurso em sua concretude histórica, ou seja, em seu caráter material (PÊCHEUX, 1997), no qual se articulam língua, sujeito, história e ideologia na produção dos efeitos de sentidos.

Analisar o discurso sobre o trabalho exercido por mulheres negras na “crise econômica” e, particularmente, na pandemia da covid-19, requer levar em consideração a existência de mecanismos sociais de opressão, exploração e discriminação que essa parcela da população sofre, tais como: a maior taxa de desemprego – segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a cada ponto percentual a mais na taxa de desemprego, as mulheres negras sofrem, em média, aumento de 1,5 ponto percentual –; feminicídio – no ano de 2018, houve registro de 66% de casos de mulheres negras assassinadas no Brasil, segundo o Ipea –; e a privação de direitos relacionados à saúde – de acordo com dados do Ministério da Saúde (2014), esse grupo recebe menos tempo de atendimento médico que as mulheres brancas e compõe 60% das vítimas da mortalidade materna no país.

Esses “dados”⁵, quando interpretados, mostram-nos a necessidade de trazer a questão de gênero, da raça e das classes sociais de maneira articulada à nossa discussão, tendo em vista que a condição periférica que essas mulheres foram levadas a ocupar ao longo da história da formação social brasileira é silenciada⁶ na maioria das notícias e reportagens que são formuladas pela mídia. As mulheres negras estão na base da pirâmide da “economia” brasileira, o que significa que sustentam toda a sociedade; são submetidas a diversos modos de dominação-exploração na formação social capitalista brasileira, no entanto, são negligenciadas e silenciadas⁷.

Sobre a questão da história do trabalho exercido por mulheres negras, é importante mencionar, de acordo com Gonzalez (1984), que os trabalhos domésticos realizados pelas mucamas⁸ escravizadas no Brasil contribuíram para a persistência de uma dupla imagem da mulher negra (mulata e doméstica) dentro da sociedade. Esse imaginário atua na reprodução do sexismo e do racismo vigentes, o que, na nossa concepção, contribui para a

⁴ As aspas na expressão “crise econômica” indicam nossa posição crítica diante do efeito de evidência de sentidos produzidos no discurso sobre a Economia (capitalista).

⁵ Estamos chamando atenção para a palavra “dados” por funcionar em efeito de transparência e opacidade. Na Análise do Discurso, levamos em consideração a opacidade da linguagem e os efeitos da ideologia no funcionamento de todo discurso. Com relação a “dados” estatísticos, eles tanto podem revelar como velar a realidade e, por isso, produzem determinados efeitos de direcionamentos políticos. Efeitos que materializam relações de sentidos, relações de forças e relações imaginárias, todas elas articuladas a determinadas condições materiais e ideológicas de produção dos discursos.

⁶ “se diz ‘x’ para não (dizer) ‘y’, este sendo o sentido a se descartar do dito. É o não-dito necessariamente excluído.” (ORLANDI, 2002, p. 76).

⁷ Como diz Magalhães (1999), há discursos na sociedade capitalista que, em seus silenciamentos, produzem e reproduzem um imaginário que contribuem para a reprodução da opressão.

⁸ No período da escravidão era comum os senhores de escravos escolherem mulheres escravizadas para cuidarem dos serviços da casa e das suas senhoras (seja com trabalhos domésticos, seja como acompanhantes em passeios ao ar livre). Muitas delas também serviam como amas de leite para as crianças brancas. Essas mulheres eram chamadas de mucamas.

perpetuação de preconceitos associados aos tipos de trabalhos (exploração) que as mulheres negras foram e continuam sendo levadas a desempenhar.

Essas práticas históricas tendem a produzir um apagamento dos movimentos de luta e de resistência dessas mulheres em prol da liberdade e da igualdade nas relações de trabalho. Nesse processo, há, conforme Davis (2016, p. 40), formas de ocultar o “legado da escravidão”, pois

foram essas mulheres [escravas] que transmitiram para suas descendentes do sexo feminino, nominalmente livres, um legado de trabalho duro, perseverança e autossuficiência, um legado de tenacidade, resistência e insistência na igualdade sexual – em resumo, um legado que explicita os parâmetros para uma nova condição da mulher (DAVIS, 2016, p. 40).

Desse modo, é fundamental reconhecer, segundo Cisne (2017, p. 4), “a diversidade humana em sua totalidade”, uma vez que a condição da mulher negra perpassa questões que envolvem as relações de classe e de raça. Assim, para realizar uma análise “das desigualdades em sua dinâmica, complexidade e totalidade”, é preciso relacionar gênero, raça e classes sociais.

É articulando essas três dimensões com a Teoria do Discurso que nossa análise buscará alcançar o caráter material do sentido, compreendendo, fundamentalmente, o discurso sobre a mulher negra, em materiais da imprensa, na sua imbricação contraditória entre gênero, raça e classe. Isso significa dizer que propomos analisar o discurso em sua concretude histórica, articulando “crise econômica” e capitalismo, pois tais questões têm sua gênese nas relações de exploração do trabalho, cujos efeitos se desdobram na vida (sobrevida) das mulheres negras na sociedade brasileira.

O discurso sobre a “crise” e a questão do trabalho das mulheres negras no Brasil

A Análise do Discurso compreende o discurso como efeitos de sentidos entre interlocutores em determinadas condições sócio-históricas de produção (PÊCHEUX, 1997; ORLANDI, 1999). Para nós, o discurso é práxis social que medeia as práticas dos sujeitos nas relações sociais. Assim, todo discurso possui historicidade e está em constante movimento na história, pois surge como resposta às demandas das práticas sociais e retorna a elas para intervir. Trata-se de um processo dinâmico e contraditório, um processo dialético que envolve sujeito, língua, história e ideologia. Deve-se compreender que existe uma determinação histórica nos processos de produção de sentidos e de sujeitos numa dada formação social e econômica.

Como todo processo de significação na linguagem está inscrito em condições sociais determinadas, é preciso entender as condições materiais e ideológicas de produção dos discursos que estamos analisando. Cumpre problematizar os dizeres e seus efeitos de sentido na materialidade da linguagem. Nessa perspectiva, as materialidades discursivas que serão analisadas estão sob o funcionamento da ideologia de uma determinada formação social dominante, no caso em estudo, da formação social capitalista brasileira. Segundo Orlandi (2012, p. 46), a história tem sua materialidade simbólica, ou seja, “a língua significa porque a história intervém, o que resulta em pensar que o sentido é uma relação determinada do sujeito com a história”.

Dizer que os discursos, objeto de análise deste estudo, têm sua gênese numa formação social que é fundada na lógica do capital e que têm uma memória histórica de exploração do trabalho, de colonização, de extermínio indígena e de escravidão de pessoas negras implica reconhecer traços (materiais e ideológicos) no funcionamento dessas práticas discursivas. Essa historicidade está presente e atuante em seus efeitos tanto nos discursos quanto nos sujeitos.

Ao retomarmos essa historicidade, compreendemos as condições de produção do discurso para a formação social (capitalista) brasileira com suas contradições constitutivas. Uma sociedade gestada pela expansão do capital, cuja constituição histórica traz consequências para a atualidade. Assim, a formação socioeconômica brasileira é hoje uma sociedade capitalista dividida em classes sociais e extremamente desigual, com altíssima concentração de renda. Retomando Marx e Engels (2010), podemos dizer que se trata de uma sociedade dividida em proprietários e não proprietários dos meios de produção e suas inúmeras frações de classes.

Quando falamos da divisão do trabalho na sociedade capitalista, estamos levando em consideração a divisão social e técnica do trabalho e, também, a divisão sexual e racial do trabalho. As mulheres sofreram e sofrem práticas de discriminação que, ideologicamente, são “justificadas” por discursos “essencialistas” que tomam a “natureza” da mulher como argumento “natural” (óbvio) por conta da reprodução biológica (gestação e aleitamento). Ademais, há outras formas de discriminação que colocam as mulheres de modo restrito no espaço do trabalho reprodutivo e de cuidado, além das diversas formas de desigualdade, opressão e violência (física e simbólica) a que são submetidas no cotidiano e em instituições sociais.

Segundo Saffioti (1987, p. 11, grifo da autora),

é de extrema importância compreender como a naturalização dos processos socioculturais de discriminação contra a mulher e outras categorias sociais constitui o caminho mais fácil e curto para legitimar a “superioridade” dos homens, assim como a dos brancos, a dos heterossexuais, a dos ricos.

As mulheres, no espaço do trabalho, são mal remuneradas ou até mesmo não são remuneradas⁹, sofrem assédio (moral e sexual), são empurradas para o setor doméstico (empregadas domésticas, diaristas, babás, cuidadoras). Ao pensarmos, especificamente, sobre o caso da mulher negra no Brasil, haja vista que, para além do sexo e da classe, há a opressão da raça atuando de forma determinante na (sobre)vivência dessas mulheres, a divisão do trabalho é ainda mais desigual e desumana. O racismo estrutural, segundo Almeida (2019, p. 186), configura-se como um processo “inseparável da lógica da constituição da sociedade de classes no Brasil”.

Concordamos com Fanon (2008, p. 90) a respeito do debate do “mito do negro ruim” que foi inculcado na memória social; trata-se de uma tática cruel de dominação seguida pelos países racistas a fim de desacreditar pessoas negras e suas ações, fazendo-as crer que são inferiores aos brancos. Essas formas de subjugação tornam possível manter

⁹ Cf. o artigo de Magalhães & Silva (2015), sobre a força de trabalho da mulher ser e não ser remunerada. As autoras, a partir de uma perspectiva marxiana, analisam o trabalho produtivo, trabalho improdutivo e a função socioeconômica do trabalho doméstico não remunerado. E nessa análise questionam o sistema capitalista e patriarcal.

um controle sobre suas vontades, sobre seus corpos e, sobretudo, sobre suas vidas, o que torna mais “fácil” silenciar possíveis movimentos de resistência por parte desse grupo¹⁰.

Em relação aos desdobramentos da “crise econômica” sobre a classe trabalhadora, podemos dizer, com Mészáros (2002), que vivemos uma crise estrutural e permanente do sistema capitalista. Para o autor citado, só haverá aprofundamento da crise, pois o capitalismo não tem como se expandir mais, a não ser por meio da destruição da natureza e da aniquilação dos sujeitos humanos, colocando em risco toda a humanidade.

Diante dessa reflexão, podemos afirmar que a pandemia da Covid-19 não trouxe a “crise econômica”. Agravou-a. E, certamente, o fim da pandemia não resolverá as questões da lógica do capital, fundada na propriedade privada e na exploração da força de trabalho. No entanto, vemos discursos de todos os tipos e argumentos em defesa da “economia”, como se essa palavra fosse em si completa (saturada), límpida, transparente, sem equívocos. Para nós, analistas de discurso, estamos diante de um discurso que joga com o dizível e o indizível dos interesses da “economia” burguesa.

Com o que foi discutido até o momento, podemos arriscar uma síntese afirmando que o Brasil foi, por mais de trezentos anos, um país escravocrata. Apesar da “abolição”, memória e atualidade conjugam-se nos gestos e práticas de preconceito, discriminação, racismo, exploração, extermínio (assassinato), encarceramento, desemprego e informalidade. Isso tudo é (re)produzido diariamente nas práticas sociopolíticas.

Essas práticas são mediadas pelo discurso que coloca mulheres e homens negros/as como “seres inferiores”, restando para essa população o trabalho braçal, o subemprego, o desemprego, a informalidade, a extrema pobreza e a morte. Trata-se de condições históricas de produção impiedosas, um real impiedoso, como diz Pêcheux (2002), que subjuga, exclui e violenta as pessoas negras, no caso em estudo, as mulheres negras, como veremos, mais à frente, nas análises das sequências discursivas.

Discurso, “crise”, pandemia, trabalho, mulher negra

Desenvolver uma análise discursiva é realizar uma reflexão que vai à raiz das questões. É apresentar uma crítica que toma o discurso como objeto, mas, sobretudo, é compreender a sociedade em suas relações de sentidos e em seu caráter material¹¹. Assim, propomos realizar uma análise com a consistência teórica e política na perspectiva da Análise do Discurso filiada a Michel Pêcheux.

Para iniciar nossos procedimentos analíticos, é preciso dizer que coletamos três matérias publicadas na mídia *online* (a partir de três jornais: G1, Brasil de Fato e Rede Brasil Atual) que fazem referência tanto à “crise econômica” quanto ao trabalho exercido por mulheres negras.

¹⁰ Voltaremos a falar de resistência no final deste artigo.

¹¹ Estamos aqui mobilizando a noção de caráter material do sentido a partir de Pêcheux (1997) e Silva Sobrinho (2019).

Seguem os títulos das matérias:

- i) “Recessão gerada pela pandemia impacta mais mulheres e negros no mercado de trabalho.” (G1, 30 maio 2020).
- ii) “Pandemia aprofundou o racismo no mercado de trabalho, aponta estudo do Dieese.” (Brasil de Fato, 20 nov. 2020).
- iii) “Pandemia acentuou desigualdade entre brancos e negros no mercado de trabalho.” (Rede Brasil Atual, 20 nov. 2020).

Ressaltamos que, neste artigo, nosso intuito não é colocar diretamente o discurso jornalístico como objeto de nossa investigação. Muito já se conhece sobre seu funcionamento, principalmente como discurso que “naturaliza” a “informação” (mito da informação) que textualiza os acontecimentos a partir de posições ideológicas, que retoma memória e, também, torna-se material de memória (arquivo), materialidade que trabalha (regula) a interpretação e tem sempre direção política.

Como afirma Mariani (1999, p. 59),

a instituição jornalística esquece que foi obrigada a fundar-se com uma interpretação do mundo juridicamente assegurada. Ou melhor, que assegura, juridicamente, a fronteira do que pode e deve ser dito. O resultado desse processo é a ilusão do jornalismo-verdade, ou seja, a ilusão de que os jornais são apenas testemunhas, meios de comunicação ou veículos informativos.

Diante das matérias da imprensa, nosso olhar sensível à questão das mulheres negras no Brasil e à “crise econômica” nos permitiu encontrar publicações que tematizavam questões da vivência (ou seria sobrevivência?) do trabalho realizado por mulheres negras na crise atual. Constatamos que nas matérias havia um dizer que não desconsiderou a existência das mulheres negras em sua (sobre)vivência diante da “crise econômica” e da pandemia da Covid-19.

No entanto, como compreendemos que o discurso não é “informação”, ao aprofundar nosso olhar analítico, passamos a desconfiar das matérias, pois parecia que algo faltava nessas “informações”. E essa “falta”, para nós, silêncio, produz efeitos de sentidos e, em nós, produziu inquietações e questionamentos, pois, como analistas de discursos, percebemos a existência de um movimento entre transparência e opacidade nesse discurso. Assim, perguntamos como as matérias significavam as mulheres negras e como “informavam” e/ou “explicavam” a situação de trabalho dessas mulheres em meio à “crise econômica”.

Para desenvolver as análises, recortamos as matérias jornalísticas em sequências discursivas (SD). Convocamos alguns conceitos-chave da Teoria do Discurso e dialogamos com autoras e autores que refletem sobre a temática da mulher negra, pois, em AD, sempre trabalhamos nos entremeios¹² das áreas de conhecimento.

Passaremos, agora, às análises das sequências discursivas:

¹² Segundo Orlandi (1999), a Análise de Discurso é uma disciplina de entremeio. O que significa que não é uma disciplina positivista. Trabalha nas contradições das áreas de conhecimento.

SD1: “*Recessão gerada pela pandemia impacta mais mulheres e negros no mercado de trabalho: impacto maior para as mulheres acontece por serem maioria no trabalho doméstico e minoria em boa parte dos serviços essenciais. População negra é impactada por ter maior participação na informalidade, primeiros postos a serem afetados na crise.*” (G1, 30 maio 2020).

SD2: “*Pandemia acentuou desigualdade entre brancos e negros no mercado de trabalho: segundo estudo do Dieese, de 11 milhões de postos de trabalho fechados na primeira metade do ano, 8 milhões eram de negros ou negras.*” (Rede Brasil Atual, 20 nov. 2020).

SD3: “*Pandemia aprofundou o racismo no mercado de trabalho, aponta estudo do Dieese: entre o 1º e o 2º trimestre de 2020, cerca de 6,4 milhões de homens e mulheres negras perderam seus empregos.*” (Brasil de Fato, 20 nov. 2020).

Todas as sequências discursivas foram retiradas de materiais divulgadas em plataformas digitais de jornais: 1) SD1: seção de economia do G1; 2) SD2: seção cidadania da Rede Brasil Atual; 3) SD3: seção geral do jornal Brasil de Fato.

Inicialmente, pensamos que a preocupação, por parte dos jornais, em destacar que a pandemia da Covid-19 “impactou, acentuou e aprofundou” as diferenças entre pessoas negras e brancas no mercado de trabalho conduziria a um “conteúdo”¹³ centrado na condição das mulheres negras, por ser este o grupo mais afetado pelos efeitos da “crise da economia”. Contudo, uma leitura mais atenta nos fez perceber que faltavam “informações” para que o/a leitor/a compreendesse a concretude histórica da situação dessas mulheres mencionadas pelos veículos midiáticos.

Como dissemos no início deste artigo, estamos levando em consideração a “crise econômica” em seu caráter material. Nesse entendimento, mobilizamos os estudos de Mészáros (2002), que compreende a “crise econômica atual” como uma crise estrutural. Isso significa que o sistema capitalista chegou a um nível de exploração cujo “desenvolvimento” é destrutivo, no sentido de explorar a natureza nos seus limites últimos e explorar a força de trabalho até às últimas consequências. Tudo isso para garantir a lógica da reprodução do capital na produção de mercadorias e na reprodução do lucro para a classe proprietária (burguesa).

Nessa perspectiva de leitura do real da história (PÊCHEUX, 2002), podemos afirmar que a “crise econômica” já estava presente antes do início da pandemia da Covid-19. O que houve foi um agravamento da crise, colocando de modo mais explícito os lugares e as posições materiais e ideológicas dos sujeitos e dos discursos nos antagonismos (classe, gênero, raça) da sociedade capitalista.

Para analisarmos as SDs apresentadas, é necessário retomar as condições de produção históricas que engendraram os discursos sobre o trabalho da mulher negra no

¹³ Estamos colocando entre aspas a palavra “conteúdo” para chamar a atenção do/a leitor/a que o discurso não é conteúdo e também não é informação. Como diz Orlandi (1999), não há passagem direta entre pensamento/linguagem/mundo porque a língua, a história, a ideologia e o inconsciente intervêm.

contexto pandêmico. Tais condições correspondem, como já sinalizamos, à conjuntura histórico-social brasileira, cujo funcionamento é fincado nas relações de produção do sistema capitalista.

Sobre as condições de produção e sua determinação no processo de produção de sentidos, Silva Sobrinho (2019, p. 141) afirma que

é preciso atentar para a questão da articulação do discurso e suas condições de produção (relações sociais de caráter material e historicamente determinadas), a partir das quais as contradições das práticas discursivas reaparecem em sua concretude histórica. Ou seja, reaparecem na esfera do caráter material do sentido.

Dito isso, podemos avançar em nosso gesto de interpretação. Nas sequências discursivas descritas, é possível encontrar pistas que indicam a presença da “crise econômica”, a saber: “recessão”, “mercado de trabalho”, “serviços essenciais”, “postos de trabalho”, “desemprego”, “informalidade”. No entanto, o discurso produz efeito dúbio (equivoco¹⁴) porque diz que a “crise” se dá ou foi “gerada” pela “pandemia”; mas também afirma que a “crise” foi “acentuada/aprofundada” pela pandemia. Vejamos essas formulações dos enunciados “recessão gerada pela pandemia” (SD1); “Pandemia acentuou” (SD2); “Pandemia aprofundou” (SD3).

As duas últimas sequências (SD2 e SD3) trazem, de certa maneira, outros processos discursivos em funcionamento, pois dizem: “Pandemia acentuou desigualdade entre brancos e negros no mercado de trabalho” (SD2); “Pandemia aprofundou o racismo no mercado de trabalho” (SD3). Vemos, pois, a materialidade da língua e a materialidade da história produzindo tensões nessas formulações. Os recortes introduzem questões ainda não mencionadas, especificamente sobre a população negra, no discurso sobre a “crise”.

No nível intradiscursivo¹⁵, as SDs trazem em destaque informações a respeito da “crise econômica” “decorrida” da pandemia da Covid-19 no Brasil e como a população negra sofre mais os seus efeitos por ocupar lugares desfavoráveis no mercado de trabalho, tais como serviços informais, trabalho doméstico, vendedores ambulantes, motorista de aplicativo, feirantes etc. Na formulação do discurso, não há questionamento sobre o porquê de essa população ocupar tais lugares. As matérias dão ênfase ao fato de que esses serviços foram os primeiros a ser dispensados durante a fase de isolamento social, o que ocasionou o total desamparo dessas pessoas, que não tiveram seus direitos trabalhistas assegurados. No entanto, os dizeres não apontam para a lógica do capital que “joga” grande parte da população em trabalho informal e precarizado.

Nas próximas sequências discursivas, podemos aprofundar a reflexão sobre os efeitos da ideologia da classe dominante e da história de nossa formação social na materialidade do discurso:

SD5: *“Já o impacto da atual crise sobre a população negra, seja para os homens ou para as mulheres, se dá pela*

¹⁴ Estamos pensando em equivoco segundo Pêcheux (2002), como fato estrutural implicado pela ordem do simbólico. Equívoco que se dá na relação do real da língua com o real da história. Segundo Orlandi (2012), equivoco como constitutivo do sujeito na relação do sujeito com a língua, a ideologia e o inconsciente.

¹⁵ Para a AD, o intradiscursivo é o dito atual, a formulação, eixo da atualidade. Segundo Orlandi (1999, p. 33), “isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas”.

característica do vínculo empregatício que muitos ocupam no mercado de trabalho.” (G1, 30 maio 2020).

SD6: “O quadro recessivo gerado pelo isolamento social atingiu quase todos os setores da economia e trabalhadores [...]. Mas grupos que ocupam, *historicamente, posições menos favoráveis no mercado de trabalho têm sido impactados com maior intensidade, como é o caso das mulheres e da população negra.*” (G1, 30 maio 2020).

SD7: “[o estudo do Dieese] Deixa explícito também que *esse cenário já existia antes da pandemia*, tendo a situação agravada pela disseminação do vírus.” (Brasil de Fato, 20 nov. 2020).

Algumas questões podem ser levantadas ao longo das “informações” veiculadas pelas matérias. Chama a nossa atenção como os jornais abordam a relação das mulheres negras com trabalhos informais (considerados não essenciais durante a pandemia) e a tentativa de colocar homens negros e mulheres negras na mesma posição social, como no trecho destacado do *site* G1 (SD5): “Já o impacto da atual crise sobre a população negra, seja para os homens ou para as mulheres, se dá pela característica do vínculo empregatício que muitos ocupam no mercado de trabalho”, quando, historicamente, as mulheres negras estão abaixo inclusive dos homens negros quanto aos salários, por exemplo, mesmo desempenhando funções idênticas.

Isso ocorre, segundo Almeida (2019), porque há o fator da produtividade para justificar as diferenças salariais no país e manter as desigualdades entre os sujeitos. Vale ressaltar que o efeito de sentido de “produtividade” está articulado às condições de produção que apontam para as relações de produção (relações de exploração) sob a lógica do capital.

Apesar de mencionar, brevemente, que essas disparidades não foram iniciadas nem são consequências da pandemia, como citado em um único momento nos textos do *site* G1 e do jornal Brasil de Fato, respectivamente: “Mas grupos que ocupam, *historicamente, posições menos favoráveis no mercado de trabalho*” (SD6); e “[o estudo do Dieese] Deixa explícito também que *esse cenário já existia antes da pandemia*” (SD7), tais “informações”, em suas contradições constitutivas, direcionam o/a leitor/a a pensar, por meio dos “dados” estatísticos apresentados e das referências à palavra pandemia, que esse momento caótico é decorrente da crise sanitária vivenciada no momento, e não da forma de ser do sistema capitalista, fundado na desigualdade de gênero, no racismo e na exploração do trabalho de uma classe por outra.

Desse modo, para nossa análise,

falar sobre raça e economia é essencialmente falar sobre desigualdade. Tanto para aqueles que definem a economia como ciência que se ocupa da escassez, como para os que a consideram como um conjunto das relações de produção (ALMEIDA, 2019, p. 154).

Para a Análise do Discurso, a ideologia funciona produzindo evidências. Pêcheux (1997, p. 31), de modo irônico, afirma que “a evidência diz: as palavras têm um sentido

porque têm um sentido, e os sujeitos são sujeitos porque são sujeitos”. No material que estamos analisando, vemos as palavras e as expressões mobilizadas no texto jornalístico como: “historicamente” e o “cenário já existia”. Esses termos parecem apontar para a memória histórica brasileira, como efeito do já-dito (interdiscurso¹⁶), mas seus sentidos não duram, pois transpiram silêncio; os limites de seus sentidos são determinados pelo trabalho histórico do silêncio. Desse modo, os termos não permitem compreender por que “historicamente” são as mulheres negras que ocupam “naturalmente” esse lugar social e o porquê de o cenário de desemprego e informalidade já existir (desde antes) para a população negra.

Trata-se, portanto, de um dizer “possível”, pois não há, na matéria, questionamentos que direcionem o dito (intradiscurso) à raiz da desigualdade, ou mesmo, que questionem o funcionamento da sociedade capitalista. Os dizeres ficam no nível da evidência ideológica, do pré-construído¹⁷. É este o mecanismo da ideologia: produzir evidências, mesmo parecendo dizer algo crítico. Os jornais não conseguem aprofundar as questões, pois funciona o “mito da informação”. Mito este que tem a ver com a ideologia, no sentido de “interpretação em certa direção, direção esta determinada pela história” (ORLANDI, 2002, p. 101).

Nesse sentido, no nível intradiscursivo, pelo funcionamento da ideologia, as condições estritas de produção do discurso midiático sobressaem em relação às condições amplas. O passado de luta das mulheres negras é silenciado para enfatizar o momento atual; o que está posto é que o desemprego é maior para os/as trabalhadores/as informais “por conta” da pandemia, afinal, de acordo com o *site* Rede Brasil, retomando a pesquisa do Dieese: “Importante lembrar que muitos consideraram as trabalhadoras domésticas como vetores de transmissão da Covid-19, pelo fato de elas utilizarem transporte público”¹⁸.

Pelo interdiscurso, o eixo da constituição do dizer (ORLANDI, 1999), podemos observar que a reificação da mulher negra esteve e está presente nas relações sociais, sendo justificada de várias formas. Se no período colonial eram vistas como mercadorias por seus senhores, a subordinação dessas mulheres agora também se justifica por serem “consideradas vetores da Covid-19”, uma tentativa de apagar que o real motivo dessa opressão é produzido na imbricação contraditória entre gênero, classe e raça. Como lembra Luciano Almeida (2019, s/p.): “o fator raça era essencial na implementação do trabalho doméstico, visto que essas relações de trabalho em muito lembravam as mesmas relações instituídas no período escravocrata e que corroboravam para a afirmação da subordinação da mulher negra”.

¹⁶ Na AD o interdiscurso é compreendido como o já-dito em outro momento, em outro lugar e que é retomado na atualidade do discurso. “O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos.” (ORLANDI, 1999, p. 33).

¹⁷ Segundo Pêcheux (1997, p. 164), fundamentado em Paul Henry, o pré-construído seria “o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado. Trata-se, em suma, do efeito discursivo ligado ao encaixe sintático”. Corresponde ao sempre-já-aí da interpelação ideológica.

¹⁸ Um caso emblemático e polêmico foi a fala de Daniel Cady, esposo da cantora Ivete Sangalo, que disse que o vírus tinha chegado à família através da cozinheira: “a Covid chegou por uma funcionária, uma cozinheira. Então, assim, o que a gente pôde fazer, a gente fez. Mas esse lance do funcionário passar uma semana aqui, folgar, enfim... Ela acabou trazendo para cá, mas enfim”. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/celebridades/marido-de-ivete-sangalo-e-cancelado-apos-culpar-funcionaria-por-infecta-los-55188>. Acesso em: 20 mar.2021

Em nossa análise, compreendemos que há um silenciamento nas materialidades discursivas. Segundo Orlandi (2002, p. 60), “o silêncio não é imediatamente visível e interpretável. É a historicidade inscrita no tecido textual que pode ‘devolvê-lo’, ‘torná-lo’ apreensível, compreensível”. O silêncio nas formulações do discurso que analisamos diz respeito a questões históricas de nossa formação social capitalista. Silêncio da nossa fundação na desigualdade, na exploração da força de trabalho, do extrativismo da era colonial e imperial, marcado pelo extermínio das populações originárias e pela escravização de populações negras traficadas do continente africano.

Em nosso estudo, também compreendemos que, nas materialidades discursivas analisadas, o discurso funciona como se esse acontecimento tivesse sido “absorvido na memória, *como se não tivesse ocorrido*” (PÊCHEUX, 1999, p. 50, grifos nossos). Apaga-se, nessa conjuntura histórica, o fato de que as pessoas negras nunca tiveram as mesmas condições de acesso aos direitos sociais básicos garantidos por lei, como educação, saúde, moradia e, conseqüentemente, outras possibilidades de trabalho. Essa constituição histórica se desdobra na atualidade, restringindo o campo de atuação dessas trabalhadoras, principalmente das mulheres negras que desempenham trabalhos domésticos¹⁹ e/ou informais. O discurso sobre elas acaba comunicando e não comunicando, produzindo, assim, seus efeitos na história.

Considerações finais

Este texto problematizou o discurso que articula a “crise econômica”, a pandemia e o trabalho exercido, historicamente, por grande parte das mulheres negras no Brasil. Questionamos a construção de sentidos na textualidade da imprensa que busca “informar” sobre o contexto social. Problematizamos a naturalização das “informações” apresentadas, buscando seu caráter material, como nos fala Pêcheux no livro “Semântica e Discurso”.

Compreendemos que o discurso que analisamos tende a “informar” que as mulheres negras são mais afetadas com a “crise”, mas silencia sobre as raízes históricas da formação social brasileira: capitalista, periférica, racista, machista, violenta, exploradora. Esse silenciamento produz efeitos ideológicos que trabalham na naturalização dos sentidos e dos sujeitos, apagando o caráter material e suas determinações sócio-históricas.

Em nossa análise, constatamos que não há, nas materialidades discursivas, questionamento sobre o sistema capitalista e sobre as relações de exploração do trabalho. A remissão à memória histórica é superficial, apenas alusão. A nosso ver, é o funcionamento da ideologia dominante que interdita determinados sentidos, não permitindo que o/a leitor/a possa ir à constituição do discurso, ir às raízes das questões, pois a ideologia dominante direciona o gesto de interpretação²⁰.

Refletir sobre “o racismo como ideologia e prática estrutural, estruturante e institucional” (BERTH, 2019, p. 131) implica perceber que esta problemática também

¹⁹ Sugerimos a leitura da tese de Barbosa Silva (2021), o autor analisa o discurso sobre a regulamentação do trabalho das trabalhadoras domésticas remuneradas articulando questões de classe, raça e gênero.

²⁰ “Ler, como temos dito, é saber que o sentido pode ser outro. Mesmo porque entender o funcionamento do texto enquanto objeto simbólico é entender o funcionamento da ideologia, vendo em todo texto a presença de outro texto necessariamente excluído dele, mas que o constitui.” (ORLANDI, 2012, p. 138).

perpassa os grandes veículos de comunicação de massa, que funcionam pelo silenciamento, e direta e indiretamente contribuem para a (re)produção da opressão.

Nossas considerações finais apontam que os materiais linguageiros que analisamos, apesar de citarem as mulheres negras e o exercício do trabalho, do modo como foi textualizado, não contribuem substantivamente para o deslocamento, ou seja, para a ruptura dessas relações de sentidos marcadas por relações de exploração fomentadas pela lógica do capital.

Como assevera Pêcheux (1999, p. 56) quando tratou da memória discursiva como espaço móvel “de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos”, igualmente, também, queremos mobilizar a memória discursiva no fechamento deste texto como um gesto de resistência.

Assim, sem encerrar a discussão, pois ela continua necessária e urgente, pois há sempre sentidos a dizer em sua pluralidade, trazemos à baila o poema de Conceição Evaristo (2008, p. 10-11), “Vozes-mulheres”. Com esse poema, estamos diante de outra forma de articulação discursiva, de outra possibilidade de dizer, com diferentes modos de significar, com necessárias movências de sentidos e, sobretudo, com rupturas do silêncio na voz da resistência:

“A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si

a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade”.

Referências

ALMEIDA, L. Empregadas domésticas e o destino histórico. **Portal Geledés**, 22 jul. 2019. Artigos e reflexões. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/empregadas-domesticas-e-o-destino-historico/>. Acesso em 28 fev. 2021.

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. 1 ed. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen livros, 2019.

ATLAS da violência 2019. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública (Orgs.)**. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>. Acesso em 28 fev. 2021.

BARBOSA SILVA, S. **O discurso sobre a regulamentação do trabalho doméstico assalariado e as trabalhadoras domésticas remuneradas no Brasil**: desigualdades de classe, gênero e raça. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2021.

BERTH, J. **Empoderamento**. 1 ed. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen livros, 2019.

CISNE, M. Por um feminismo antirracista e anticapitalista: o debate entre interseccionalidade e consubstancialidade-coextensividade das relações sociais de sexo, raça/etnia e classe. *In*: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 e 13th Women’s World Congress (**Anais Eletrônicos**), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani, 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, C. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador, Edufba, 2008.

GONZALES, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

JOVENS e mulheres negras são mais afetados pelo desemprego. **INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA**. Brasília, 31 out. 2018. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=3437 1. Acesso em 28 fev. 2021.

MAGALHÃES, B. Discurso, imprensa e reprodução da discriminação. **Leitura**. Maceió, AL, n. 23, p. 91-111, 1999. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/7598>. Acesso em: 19 abr. 2021.

MAGALHÃES, B.; SILVA, G. Capitalismo e patriarcalismo: trabalho doméstico não remunerado. I.: VEDDA, M.; COSTA, G.; ALCÂNTARA, N. (Orgs.). **Anuário Lukács 2015**. São Paulo: Instituto Lukács, 2015.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARIANI, B. Discurso e instituição: a imprensa. **Rua**. Campinas, SP, v. 5, n. 1, p. 47-62, 1999. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640651>. Acesso em: 20 abr. 2021.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. Tradução: Paulo Cezar Castanheira; Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2002.

NUZZI, V. Pandemia acentuou desigualdade entre brancos e negros no mercado de trabalho. **Rede Brasil Atual**, 20 nov. 2020. Cidadania. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2020/11/pandemia-acentua-desigualdade-brancos-negros-trabalho/>. Acesso em 26 fev. 2021.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

ORLANDI, E. P. **Interpretação**. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 6. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

PANDEMIA aprofundou o racismo no mercado de trabalho, aponta estudo Dieese. **BRASIL DE FATO**, Porto Alegre, 20 nov. 2020. Disponível em: <https://www.brasiledefato.com.br/2020/11/20/pandemia-aprofundou-o-racismo-no-mercado-de-trabalho-aponta-estudo-do-dieese>. Acesso em 26 fev. 2021.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **O discurso estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.

SAFFIOTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SALATI, P. Recessão gerada pela pandemia impacta mais mulheres e negros no mercado de trabalho. **G1**, 30 maio 2020. Economia. Disponível em:

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/05/30/recessao-gerada-por-pandemia-impacta-mais-mulheres-e-negros-no-mercado-de-trabalho.ghtml>. Acesso em: 26 fev. 2021.

SILVA SOBRINHO, H. O caráter material do sentido e as classes sociais: uma questão para a Análise do Discurso. **Revista Polifonia**. Cuiabá-MT, v. 26, n. 43, jul./set., 2019. Disponível em:

<http://www.periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/8307> . Acesso em: 20 jan. 2021.